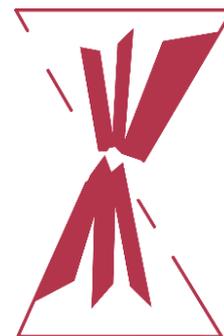


Escritos de um viado vermelho

Writings of a red fagot



PAIVA, Mário Jorge de*

 <https://orcid.org/0000-0001-7158-4371>

AZEVEDO, Gustavo Cravo de**

 <https://orcid.org/0000-0003-2743-3503>

GREEN, James N. *Escritos de um viado vermelho: política, sexualidade, solidariedade*. São Paulo: Editora UNESP, 2024.

Recebido em: 11/01/2025

Aprovado em: 12/05/2025

James Green é um dos maiores pesquisadores sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil, logo sobre o livro *Escritos de um viado vermelho* só podemos iniciar falando que é uma obra de uma riqueza histórica ampla, de alguém que está há décadas estudando e militando pelo Brasil. Assim sendo, o saldo final da leitura é obviamente positivo,

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ). Professor da Secretaria da Educação de Santos, tendo como sede a E. E. Ary de Oliveira Garcia, Cubatão, São Paulo (SP). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.

** Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ). Técnico em Assuntos Educacionais da UFRJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ). E-mail: gustavo_cravo@hotmail.com.



mesmo que por ser um livro de ensaios, muitos publicados em locais e momentos diferentes, possua uma série de redundâncias e questões do gênero.

Escritos de um viado vermelho é um livro de ensaios, como dito, que aborda diversos temas envolvendo o Brasil e a defesa da comunidade LGBTQIAPN+. É algo ingrato fazer uma resenha de um livro de quase 600 páginas, então aqui, infelizmente, não poderemos trabalhar todos os textos profundamente, dando maior enfoque aos ensaios que nos soaram principais.

A introdução e o primeiro ensaio, *Abaixo a repressão, mais amor e mais tesão*, fala sobre como, de forma inusitada, um americano terminou se envolvendo politicamente com os movimentos de libertação da América Latina, por ser de esquerda, e sobre suas dificuldades de conciliar lutas pelo movimento LGBTQIAPN+ e os grupos de esquerda, afinal, como é frisado, vários movimentos, marxistas, socialistas etc., eram contra os *gays*. Se o ideal revolucionário era Che Guevara, os *gays* eram vistos como *fracos e efeminados* (Green, 2024, p. 44). Tal parte do livro fala igualmente sobre o jornal *Lampião de Esquina*, o Grupo Somos, a importância de João S. Trevisan para o movimento (e o desentendimento entre Trevisan e Green), a formação do Grupo de Ação Lésbica-Feminista e a longa vida do Grupo Gay da Bahia.

O segundo texto dessa primeira parte, *Legado do passado do Brasil*, nos soa como o ensaio mais fraco do livro. Em umas 30 páginas, o autor tenta recontar, do ponto de vista político, econômico e social, a história do Brasil, dando ênfase a certos elementos que ele considera que cruzaram o tempo, como um Poder Executivo forte, força da liderança carismática, influência do Exército em questões políticas, etc. Assim sendo, uma série de questões ou eventos importantes são tratados de formas muito breves ou não são tratados. Certas bibliografias extras poderiam ter sido usadas aqui, para enriquecer tais análises, desde as obras políticas e econômicas de Baer (2009), Giambiagi *et al.* (2011), Eduardo Raposo (2011), Vladimir Safatle (2022) e Jairo Nicolau (2020), passando por textos que aprofundaram mais acerca das discussões raciais no país, como no caso do pioneiro trabalho de Florestan Fernandes (2008) ou mesmo uma leitura mais densa de Gilberto Freyre (2006, 2009), até chegarmos aos textos recentes sobre a nova direita brasileira, ver Cassimiro & Lynch (2022), Castro Rocha (2023), Camila Rocha (2021) e mesmo nossos artigos sobre o tema (cf. Paiva, 2021, 2024; Azevedo; Paiva, 2022).

Já o ensaio *Vozes lésbicas e o feminismo radical no “movimento homossexual” brasileiro dos anos 1970 e início dos anos 1980* destaca-se por estar centrado na questão das

lésbicas e dos movimentos feministas, mostrando que, nessa época, tais mulheres podiam ser rechaçadas por movimentos feministas e marxistas.

O texto *Ditadura e homossexualidades* se destaca por discutir perseguições moralistas na época da ditadura, em que havia censura nas mídias, violências policiais e homossexuais podiam ser perseguidos, e mesmo perder empregos, nas instituições públicas. Para quem já leu o livro *Ditadura e Homossexualidades* (cf. Green & Quinalha, 2014) o texto em questão não possui novidades, mas é sempre bom frisar esses pontos e rememorar essas perseguições e injustiças realizadas nos governos militares.

Reinventando a história: Lincoln Gordon e as suas múltiplas versões de 1964 fala como os Estados Unidos ajudaram no golpe militar brasileiro. Se antes Lincoln Gordon negava qualquer envolvimento norte-americano, essa narrativa caiu com a abertura de uma série de documentos, citados por Green. O mais impressionante é como certos argumentos de Gordon eram frágeis e parece, em certos momentos, que os norte-americanos apoiaram uma ditadura, que durou 21 anos, devido a boatos e *exercícios especulativos*. Gordon, sabe-se, foi um defensor eterno do golpe de 1964 e, pelo menos, do governo de Castelo Branco.

O texto *Opondo-se à ditadura nos Estados Unidos* possui um título autoexplicativo, fala sobre pressões feitas em tal país contra as torturas e arbitrariedades da ditadura brasileira, valendo recordar que Green também comenta da oposição que ocorreu em países como França e Alemanha. Um ponto bem interessante do texto, talvez ainda pouco estudado, envolve a morte do padre Antônio Henrique Pereira Neto e de como houve perseguição, torturas e mortes contra religiosos brasileiros, sejam bispos, sacerdotes e líderes seculares (cf. Green, 2024, p. 218). Logo, faz sentido toda pressão e condenação que a Igreja Católica realizou contra essa ditadura em certo período, em que, acrescentemos, intelectuais católicos reacionários foram descredibilizados, como é o caso de Gustavo Corção (cf. Paiva, 2021), que ainda possui impacto hoje no Brasil através de outras figuras da extrema direita, como Olavo de Carvalho, que foi um leitor de sua obra.

Na sequência, Green caminha para uma discussão sobre como é difícil trabalhar com grupos que carecem de boas fontes históricas, grupos que podem estar mentindo ou estarem errados, *vide* o exemplo do agente da ditadura que o confundiu, James Green, com o Gabeira.¹ Green, igualmente, aborda o cuidado que temos de ter ao abrir documentos, pois essas

¹ Fernando Gabeira é um escritor, jornalista e político brasileiro que atuou de modo marcante como resistência contra a Ditadura Militar, tendo por isso passado vários anos em exílio.

pessoas podem ainda estarem vivas. O curto artigo *Abrindo os arquivos e os armários: pesquisando a homossexualidade no Arquivo Público do Estado de São Paulo* é curioso, pois se debruça em apenas um caso e mostra como a história individual pode revelar padrões sociais mais amplos (cf. Green, 2024, p. 262). Nele acompanhamos o diretor de uma escola particular, chamado Napoleão B., que foi internado no Sanatório Pinel devido ao fato de sua família estar achando estranha sua relação com um professor da mesma instituição, no caso, o João Cândido. O relato mostra uma resistência, porque, mesmo com dificuldades, o ente conseguiu contratar um advogado e houve uma briga na justiça contra o próprio pai. Mesmo que o juiz tenha indeferido seu pedido, ainda no ano de sua prisão, 1935, Napoleão voltou para sua liberdade, porém, exatamente pela falta de dados, não sabemos se ele continuou sua relação com o outro homem.

O texto *Abrindo os arquivos do Tio Sam* é importante por apresentar a riqueza do projeto *Opening the Archives*, idealizado e desenvolvido por Green e sua equipe, o projeto busca disponibilizar, de forma fácil, vários arquivos americanos. Estamos falando de um *site* que disponibilizou 70.000 documentos internacionais sobre o Brasil, abordando um período entre 1961 e o início dos anos 80 (Green, 2024, p. 287). A quantidade de artigos, teses, dissertações que podem surgir disso, claro, é gigantesca.

Já na parte seguinte do livro, o autor começa a falar do avanço da direita no Brasil, da questão do *impeachment* de Dilma, sobre o governo Temer e da Operação Lava Jato, frisando como o juiz Moro e o procurador Dallagnol possuíam conluio para garantir Lula inelegível na eleição de 2018 (cf. Green, 2018, p. 315), frisando os excessos e medidas injustificadas da operação, acordos dúbios e vazamentos seletivos de informações para a mídia (cf. Green, 2018, p. 314).

O próximo ensaio que nos soou de maior relevância é *Quem é o macho que quer me matar?*. Nele, Green discute longamente sobre a questão da homossexualidade dentro de movimentos revolucionários brasileiros. Na leitura do autor, houve uma influência moralista em suas formações, devido às bases católicas que tais jovens receberam, existindo também o fato de que certas questões culturais podiam chegar com atraso aqui, afinal o governo censurava nossa mídia. De um modo geral, o autor vê que foi na geração seguinte, depois do fim da guerrilha, que tais pautas foram se abrindo mais para o pensamento progressista. Há

falta de fontes e histórias discrepantes, sendo um ponto fora da curva, nesse sentido, a vida de Herbert Daniel.²

Os próximos artigos discutem alguns personagens interessantes da vida cultural brasileira, como Sarah Bernhardt, João do Rio e a campanha contra ele na Academia Brasileira de Letras, Clodovil, Clóvis Bornay, Roberta Close, Mário de Andrade e Chico Alves, entre outros. O livro, antes de suas considerações finais, fecha com um artigo sobre Madame Satã.

As considerações finais são apresentadas em um texto chamado *What's left?*, em tal momento Green fala de seus futuros projetos, agora que pretende se aposentar, e ele ainda acredita que há muito por fazer.

James deseja pesquisas mais extensas sobre a vida LGBTQIAPN+ no regime colonial e imperial (cf. Green, 2024, p. 557), assim como fala sobre a necessidade de um estudo abrangente sobre a sociabilidade lésbica no século XX, o mesmo valendo para uma história abrangente sobre pessoas trans e as mudanças nas noções de gênero (cf. Green, 2024, p. 558). Outro ponto destacado envolve mais estudos regionais, que examinem diferentes histórias da homossexualidade no país (cf. Green, 2024, p. 558), algo que já é percebido melhor, por exemplo, no recente livro organizado por Maior & Quinalha (2023), que é um projeto, aliás, do qual Green também participa. Seu tópico importante final é um questionamento sobre o conservadorismo dentro da própria esquerda. Em suma, mesmo depois de sua aposentadoria, Green pretende continuar trabalhando, e é excelente continuarmos a ter esse incansável viado vermelho americano nos campos de estudos LGBTQIAPN+ brasileiros.

Referências

AZEVEDO, Gustavo Cravo; PAIVA, Mário Jorge de. Introdução para uma análise sobre o pensamento conservador brasileiro no período mais recente da presença obrigatória da Sociologia no Ensino Médio (2008-2018). *Educação UNISINOS (ONLINE)*, v. 26, p. 1-13, 2022.

BAER, Werner. *A economia brasileira*. São Paulo: Nobel, 2009.

CASSIMIRO, Paulo Henrique; LYNCH, Christian. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Contracorrente, 2022.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

² Herbert Eustáquio de Carvalho, ou Herbert Daniel, foi um escritor, sociólogo e jornalista brasileiro, sendo que James Green passou vários anos pesquisando sua vida e obra.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Pernambuco: Global Editora, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. São Paulo: É Realizações, 2009.

GIAMBIAGI, Fábio. et al. *Economia brasileira contemporânea (1945-2004)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

GREEN, James N. *Escritos de um viado vermelho*. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. (orgs). *Ditadura e Homossexualidades. Repressão, Resistência e a Busca da Verdade*. São Paulo: EDUFSCAR, 2014.

MAIOR, Paulo Souto; Quinalha, Renan. (orgs). *Novas fronteiras das histórias LGBTI+ no Brasil*. São Paulo: Elefante, 2023.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PAIVA, Mário Jorge de Paiva. *Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira*. 308 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PAIVA, Mário Jorge de Paiva. Olavo de Carvalho e as pautas LGBTI+: análise introdutória do artigo Mentiras gays. *REBEH, Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. v. 7, n. 22, p. 1-23, 2024.

RAPOSO, Eduardo de Vasconcelos. *Banco central do Brasil: O Leviatã Ibérico*. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucited Editora; Editora PUC-RIO, 2011.

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: O liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo, Editora Todavia, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. São Paulo: Autêntica, 2023.

SAFATLE, Vladimir. *Só mais um esforço*. São Paulo: Vestígio, 2022.